

*PARA QUEM O BEHAVIORISMO ESTÁ MORTO?*

*FOR WHOM IS BEHAVIORISM DEAD?*

NILZA MICHELETTO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

RESUMO

Em seu último texto, apresentado na Convenção Anual da Associação Americana de Psicologia em 1990, Skinner esclarece sua proposta para a análise do comportamento. Ele apresenta o modelo de causalidade de seleção pelas consequências e a resposta à pergunta “Pode a psicologia ser a ciência da mente?”. Para Skinner, assim como as visões criacionistas recusaram a teoria de Darwin para manter o papel de um criador, a psicologia cognitivista – “ciência criacionista da psicologia” – busca manter o papel de uma mente, ou eu criador. Nesta apresentação, oferece-se ao leitor uma rápida descrição do repertório do próprio Skinner, desde seus primeiros experimentos até completar sua proposta conceitual para uma ciência do comportamento.

*Palavras-chave:* behaviorismo, psicologia, modelo de seleção pelas consequências.

ABSTRACT

In his last paper, presented at the American Psychological Association Annual Convention in 1990, Skinner exposed his proposal for behavior analysis. He presented his model of selection by the consequences and answered to the question “Can Psychology be the science of the mind?”. For Skinner, as the creationist visions refused Darwin’s theory to keep the role for a creator, the cognitivist psychology – “the creationist science of psychology” – aims to keep the role of a mind or a creator self. In this presentation of the Portuguese version of Skinner’s paper, it is offered to the reader a brief description of the repertoire of Skinner himself, from his first experiments to the conclusion of his conceptual proposal for a science of behavior.

*Keywords:* behaviorism, psychology, model of selection by the consequences.

---

“A psicologia pode ser uma ciência da mente?”, artigo finalizado por B. F. Skinner em agosto de 1990, na tarde anterior ao dia de sua morte, como descreve sua filha Julie (Vargas, 1991), serviu de base para a apresentação que fez na semana anterior na Convenção Anual da Associação Americana de Psicologia. Aos 86 anos e em tratamento contra uma leucemia, Skinner, como fez nos 50 anos anteriores, dedica-se a divulgar e a esclarecer, mais uma vez, sua proposta para a análise do comportamento.

Além de evidenciar sua lucidez, o artigo revela persistência e vigor que caracterizaram sua vida como cientista desde os anos iniciais, dos quais encontramos descrições em sua autobiografia: “Alguns de meus primei-

ros registros cumulativos são datados de 25 de dezembro e 1º de janeiro” (Skinner, 1970, p. 16).

O trabalho sistemático de pesquisa experimental, que o ocupou nos primeiros 26 anos de investigação e levou à proposta dos conceitos de sua ciência, foi seguido, nos 30 anos posteriores, por uma volumosa produção, que não diminuiu, mesmo com a idade avançada. Com 70 anos, publicou *About behaviorism* (1974), no qual apresenta para leigos, como ele próprio indica, a inovadora filosofia de sua ciência – o behaviorismo radical –, formulada a partir de suas investigações sobre o comportamento operante, e responde a críticas feitas a sua polêmica proposta para o homem e a sociedade.

Os diversos livros que foram publicados a partir de então, três autobiografias e outros cinco livros voltados à análise de questões do behaviorismo e problemas da sociedade contemporânea – *Particulars of my life* (1976), *Reflections on behaviorism and society* (1978), *The shaping of a behaviorist: Part two of an autobiography* (1979), *Notebooks* (1980), *Enjoy old age: A program of self management* (1983b), *A matter of consequences: Part three of an autobiography* (1983a), *Upon further reflection* (1987) e o último, publicado no ano anterior a sua morte, *Recent issues in the analysis of behavior* (1989) –, revelam uma vida coerente com a proposta que norteou suas formulações teóricas: o conceito de operante, que descreve um tipo de comportamento que altera o ambiente e é alterado pelos efeitos dessa ação. Para Skinner (1957), o comportamento do cientista é mantido pelas consequências de sua ação e deve ser avaliado em função da possibilidade de gerar ações efetivas. O comportamento de Skinner, como ele descreve, foi em grande parte reforçado e mantido pelos resultados científicos produzidos.

Eu fui fortemente reforçado por muitas coisas: comida, sexo, música, arte, literatura – e por meus resultados científicos. Construí **equipamentos**, como pintei quadros ou modelei figuras em barro. Conduzi experimentos, assim como toquei piano. Escrevi artigos científicos e livros, como também escrevi histórias e poemas. *Nunca* planejei ou conduzi um experimento porque eu sentia que devia fazer assim, ou para cumprir um prazo, ou para passar em um curso, ou para “publicar para não perecer”. (Skinner, 1970, p. 17)

A partir de suas investigações, Skinner buscou produzir – desde que abandonou a

carreira literária e voltou-se para uma nova ciência, a psicologia, em especial o behaviorismo – um conhecimento que fosse instrumento para transformação social.

Em vários momentos, Skinner (1976, 1970) reconhece seu débito com Bertrand Russell, que, no final dos anos 1920, analisa o livro *Behaviorism*, de Watson, apontando as possibilidades abertas pela nova ciência de reconstrução da sociedade. Para Russell “a reconstrução da sociedade sobre uma base racional fornecida pelas ciências sociais e especialmente pela psicologia era viável e necessária naquela década do **pós-guerra**” (Coleman, 1985, p. 81).

Superando a visão mecanicista subjacente ao modelo do condicionamento reflexo adotado por Watson, a formulação do conceito de operante, ao destacar as consequências práticas da ação, permitiu a compreensão de relações mais complexas do organismo com o ambiente e tornou possível planejar e implementar intervenções efetivas que se estenderam para os mais diversos campos da ação humana. Como Skinner (1983a) afirma

Pombos estavam se comportando de maneira mais complexa do que nunca antes na história da espécie, simplesmente porque tinham sido expostos a contingências mais complexas do que antes. O que poderia o ser humano fazer se pudéssemos construir um ambiente mais favorável para ele? (p. 47)

Entretanto, na construção de seu sistema conceitual e de sua filosofia, Skinner propõe uma nova noção de causalidade – a seleção pelas consequências – que, juntamente com o conceito de operante, afasta-o do behaviorismo de Watson, dos neobehaviorismos

contemporâneos e o contrapõe a alternativas propostas pela psicologia internalista dominante, especialmente em sua versão atual da psicologia cognitivista, que atribuem ao mundo interno do homem as causas do comportamento. Assim ele encerra o livro *About Behaviorism*:

Se fosse verdade que “um perigo maior do que a guerra nuclear surge de dentro do próprio homem sob forma de temores latentes, pânico contagiosos, necessidades primitivas de violência cruel e uma furiosa destrutividade suicida”, então estaríamos perdidos. Felizmente, o ponto a ser atacado é mais facilmente acessível. É o ambiente que deve ser mudado. Um modo de vida que favoreça o estudo do comportamento humano em sua relação com esse ambiente estaria na melhor posição possível para solucionar seus maiores problemas. Isso não é chauvinismo, já que os grandes problemas são hoje globais. Na visão behaviorista, o homem pode agora controlar seu próprio destino porque sabe o que deve ser feito e como fazê-lo. (Skinner, 1974, p. 251)

Em “Pode a psicologia ser uma ciência da mente?”, Skinner faz uma retomada de aspectos centrais de sua filosofia, estabelecendo, como em outros momentos de sua obra, um diálogo com a psicologia dominante e com outros behaviorismos. Analisando inicialmente os limites das explicações que se voltaram para o mundo interior – que seria conhecido por meio da introspecção – e as alternativas atuais da psicologia cognitivista e das ciências do cérebro que a substituíram, Skinner retoma o modelo causal que propôs para explicar o comportamento humano, baseado nos princípios da variação e seleção,

que teve origem na teoria de Darwin para explicar a seleção das espécies. Ele estende esse modelo explicativo para outros dois outros níveis de determinação – do comportamento do indivíduo e da cultura –, três níveis que determinam conjuntamente o comportamento humano.

Skinner apresenta o modelo de causalidade de seleção pelas consequências, destacando as possibilidades e as falhas de cada um dos níveis: as falhas da seleção filogenética, que prepara o organismo para se comportar só para um ambiente muito semelhante ao que foi selecionado, são superadas pelo condicionamento operante, que permite que novos comportamentos do indivíduo sejam selecionados em novos ambientes. Os limites do segundo nível, que prepara os organismos só para contingências vividas no espaço de uma vida, são superados pelos ambientes sociais, que ampliam as possibilidades de novos comportamentos gerados pela modelação e imitação e pelas formas de transmissão da cultura, trazidas pelo comportamento verbal e pelo controle operante da musculatura vocal. Culturas que evoluíram como produto de variação e seleção também têm falhas – preparam o homem para um mundo semelhante àquele que possibilitou a evolução.

As falhas das práticas culturais, evidentes nos problemas das sociedades contemporâneas, e as possibilidades de o behaviorismo colaborar para a seleção de novas práticas culturais foram o foco contínuo de suas análises, como indicam os títulos de seus últimos livros: *Reflections on behaviorism and society* (1978), *Upon further reflection* (1987) e *Recent issues in the analysis of behavior* (1989).

A possibilidade de o conhecimento produzido por uma ciência do comportamento

humano construir ambientes pessoais melhores e práticas culturais com menos problemas é o que norteia a resposta de Skinner à pergunta “Pode a psicologia ser a ciência da mente?”, nome do ensaio publicado adiante.

Nesse texto, no qual podemos encontrar muitas respostas a seus críticos, Skinner contrapõe o modelo explicativo da análise do comportamento às alternativas propostas pela psicologia, em especial pela psicologia cognitiva, “parceira de muitas formas de atuação”, e destaca características desse modelo e possibilidades trazidas pela análise do comportamento na compreensão do comportamento humano.

O modelo de seleção por consequências amplia a compreensão do comportamento, das transformações geradas no comportamento humano pelos ambientes sociais e das formas de ação exclusivamente humanas, como a ciência. Trata-se de uma concepção incompatível com qualquer visão de homem-máquina. Essa nova noção de causalidade supõe a necessidade de pluralidade. Formas diversas e não harmoniosas de vida, de comportamento, de organização social, de conhecimento precisam existir, para que a seleção ocorra em um ambiente múltiplo – “milhões de diferentes espécies, competindo umas com as outras”, “milhares de repertórios” produto do condicionamento operante, “muitas culturas, frequentemente em conflito” (Skinner 1990, p. 1207), são produzidas. Na conjunção dos três níveis de variação e seleção, não há possibilidade de que as condições inatas sejam negligenciadas, nem que os vários níveis de determinação sejam reduzidos a um determinismo genético ou a uma interioridade. Os homens são únicos, mas sua interioridade só se constrói na convivência

com os outros. A variação e a seleção explicam os sentimentos e a consciência, que não podem ser desprezados pela ciência, mas esses princípios evidenciam que a relação imediata e conspícua entre estados internos e a ação pode levar a atribuições enganosas de causalidade. É na variação e seleção que Skinner (1990) vê possibilidades de falar de liberdade e criatividade: “Se há liberdade, ela poderá ser encontrada na aleatoriedade das variações. Se novas formas de comportamento são criadas, elas são criadas pela seleção” (p. 1208).

A explicação do comportamento humano por meio da seleção pelas consequências e suas possibilidades de transformação foi recebida como uma ameaça por muitos psicólogos cognitivistas que declararam que o behaviorismo estava morto. Eles tentaram, segundo Skinner, restaurar o *status quo* e “esperavam que o que estivesse morto fosse o apelo à seleção por consequência para explicar o comportamento” (p. 1210).

Assim como as visões criacionistas recusaram a teoria de Darwin para manter o papel de um criador, a psicologia cognitivista – “ciência criacionista da psicologia” – busca manter o papel de uma mente ou eu criador.

A resposta de Skinner à pergunta proposta é clara. As mesmas razões que o levaram à psicologia guiam sua resposta. Nos anos 1930, ele buscou a psicologia como alternativa científica de conhecimento para transformação social. Quase 60 anos depois, após um trabalho incessante de investigação, considera ineficaz a produção de mais de 100 anos da psicologia. Nessa tarefa, segundo Skinner, mais eficaz teria sido a análise do comportamento pela possibilidade que ela traz de planejar ambientes melhores, a serem sele-

cionados por suas consequências. Mas essa resposta, dada a partir da investigação de toda a sua vida, deixa para o futuro uma pergunta: a análise do comportamento será chamada psicologia?

#### REFERÊNCIAS

- Coleman, S. R. (1985). B. F. Skinner, 1926-1928: From literature to psychology. *The Behavior Analyst*, 8, 77-92.
- Epstein, R. (Ed.). (1980). *Notebooks: B. F. Skinner*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1970). An autobiography. In P. D. Dews. *Festschrift for B. F. Skinner*. (pp. 1-21). New York: Appleton-Century-Crofts Skinner.
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. New York: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1976). *Particulars of my life*. New York: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1978). *Reflections on behaviorism and society*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1979). *The shaping of a behaviorist: Part two of an autobiography*. New York: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1980). *Notebooks*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, Inc.
- Skinner, B. F. (1983a). *A matter of consequences: Part three of an autobiography*. New York: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F., & Vaughan, M. E. (1983b). *Enjoy old age: A program of self management*. New York: W. Norton.
- Skinner, B. F. (1987). *Upon further reflection*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1989). *Recent issues in the analysis of behavior*. Columbus: Merrill.
- Skinner, B. F. (1990). Can psychology be a science of mind? *American Psychologist*, 45, 1206-1210.
- Vargas, J. S. (1991). B. F. Skinner – the last few days. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 55, 1-2.

A partir do volume 7, o editor da *Revista Brasileira de Análise do Comportamento* será Marcelo Benvenuti, que está recebendo submissões de trabalhos para publicação.

O volume 7 tem o ano calendário de 2011, e o novo editor tem planos de atualizar a ReBAC, lançando com rapidez os volumes 7 e 8, correspondentes a 2011 e 2012, com o apoio dos Programas de Pós-Graduação Associados.

---

Beginning with volume 7 the editor of the *Brazilian Journal* is Marcelo Benvenuti, who is receiving submissions for publication.

Volume 7 corresponds to the calendar year of 2011, and the new editor is planning to update BJBA, publishing asap volumes 7 and 8, corresponding to years 2011 and 2012, with support of the Associated Graduation Programs.